



camila soares

h e t e r o l ó g i c a

[uma documentação]



thiago righi

h e t e r o l ó g i c a

[uma documentação]



7

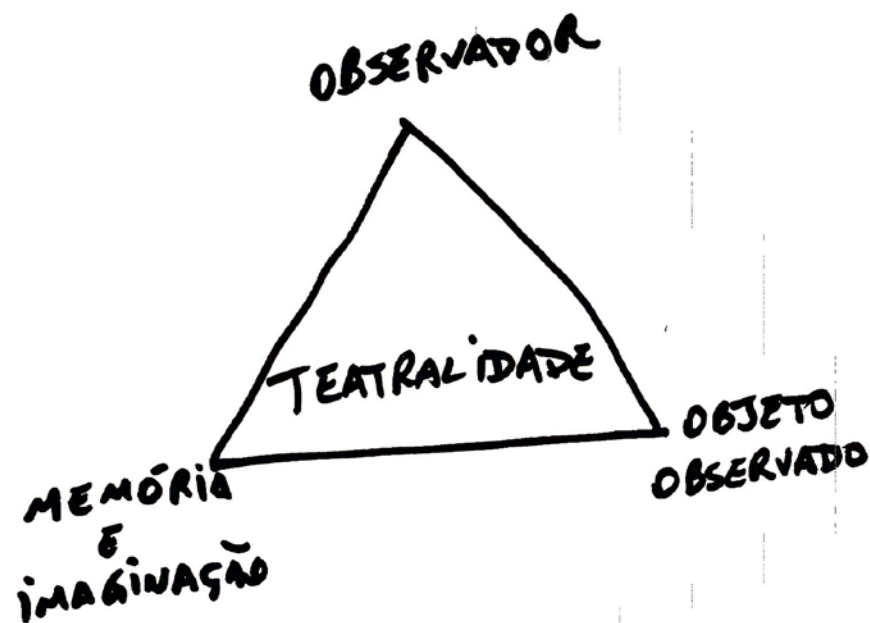
[HETEROLÓGICA] aquilo que significa; mas não
pode ser atribuído. o habitar de si. a memória
[imaginação]. o absurdo. o sabor do tempo.
a [não] correspondência. [desacostumar] sensação
de queda: o insólito. o descansar do tempo.
entre labirintos, mora uma borboleta.
onde estão seus olhos? onde estão meus olhos?

grande estare os
seu olhos ?



No final de 2020, a aprovação do projeto heterológica pelo Programa de Ação Cultural PROAC LAB 37/2020, apresentou-se como uma oportunidade de experimentar e concretizar um processo de criação de Camila Soares e Thiago Righi, apoiados por uma equipe muito privilegiada. Nós, da Incubadora – Plataforma de co-criações, reconhecemos e aplaudimos a conquista da classe artística que culminou na execução da Lei Aldir Blanc, que viabilizou este trabalho com um suporte financeiro e institucional importante em meio à pandemia da Covid-19. Seguimos acompanhando e lutando lado a lado para que iniciativas como essa possam vir a ser políticas públicas cada vez mais permanentes e abrangentes.

O
livro da
.....
imprecisão



13

Lisboa, outubro 2021

no poisar da caneta no caderno aparecem pensamentos
sumarentos, dançantes
a folha dá-se ao encontro baloiçando com o aparecer da
escrita, a mão que escreve é uma mão corpo...uma mão
corpos...o som silencioso daquilo que não é dito, daquilo que
não se dá ao aparecer...a delicadeza da aceitação do frágil,
a espera que não prende o acontecer, a dança transparente
desfocar, não focar.
deixar a imagem escorrer, deslizar, fazer-se gesto
braço-asa, braço-guitarra, lágrima morna...

e de quando em onde um rompimento agreste
a lembrança de existir cru

corpo emaranhado
cego
polifónico
poligestuado
heterológica grita

agreste
desajeitada
desdobrada se des-dobra

não são dois corpos que se encontram para criar, são
existências que aprendem a perguntar perguntando, que afinam
a corda enquanto ela já está vibrando, que afinam o gesto
enquanto ele já vai dançando a sua dança, que reconhecem
a imensidão do não-saber, que atravessam o susto da queda,
do medo, do desfazer

que se atrevem a amar

e vão lambendo o sangue que teima em lembrar-nos que ainda
somos humanos...
respirando

Sofia Neuparth

Escrever sobre processo criativo é sempre um ato precário, provisório. Vamos partir daí.

Conceber um trabalho tem sempre a ver com invenção, com a proposta de inventar procedimentos, práticas, ações, correlações e encontros que antes não existiam (ou que não eram conhecidos pelo inventor). Inventar, portanto, pressupõe uma convocação da esfera da imaginação, somando-se à equação uma certa coragem para experimentar o que tiver que ser experimentado.

Muitas vezes eu vejo a invenção sendo usada para as mesmas coisas que o termo criação, como se fossem sinônimos. Eu sempre desconfio dos sinônimos. Daqui, a leitura que eu proponho é a de que a invenção está por dentro da criação, mas não só. Aqui nesse balaio cabe também considerar os elementos do cultivo, da insistência, da prática continuada. Dentro da ação de criar estaria, portanto, uma demanda de cultivar e insistir em algo. Geralmente sabe-se dos contornos gerais do trabalho e de alguns assuntos iniciais de mergulho. A insistência e o cultivo das perguntas é o que me coloca em movimento em direção à criação do trabalho. Não se trata de executar esse ou aquele procedimento, a partir de determinada técnica corporal, mas de ouvir, no que já era praticado, o que emerge do corpo. E anotar. E repetir.

15

O não saber começa a mostrar-se como uma constância necessária a esse processo de criação. Veja: ao sustentar o não saber, nós continuamos saboreando as perguntas e percorrendo os caminhos que cada uma delas convidava. Foi justamente a (nunca saciada) vontade de saber que nos impulsionou no caminho de criação. O exercício de conviver com o não saber tem mostrado-se cada vez mais potente nesse sentido, e, desde que nos deparamos com essa possibilidade de prática com os amigos e parceiros que conhecemos no c.e.m-centro em movimento (Lisboa-PT), temos nos dedicado a essa experimentação.

Para nós, o disparador inicial foi justamente habitar o termo heterológica – não fazer parte de um grupo que nomeamos, nunca pertencer exatamente a um contexto circunscrito, não rotular uma prática, não estabilizar sempre que possível. Nesse

sentido, o trabalho apresenta três momentos, três perguntas de corpo-imagem-som, mas não carrega consigo a pretensão de pertencer a alguma denominação. É um experimento, um ajuntamento de experimentos, um exercício de habitar o termo h e t e r o l ó g i c a.

Escrever sobre um processo é escavar a nós mesmos, um trabalho de arqueologia dos desejos, das dúvidas, dos experimentos: a constante pergunta sobre a pertinência e a escuta do que vai se revelando para nós enquanto trabalhamos. Em 2019 eu costurei um caderno para colocar as palavras e rabiscos de pensamento – nomeado como o livro da imprecisão – lugar para acolher tudo o que não era necessário, mas existia; também o que não tinha a rigidez da forma pré-concebida, como os pensamentos dançados que apontavam para horizontes que só o corpo inteiro e presente é capaz de farejar. O livro da imprecisão tem sido esse amontoado de papel costurado e palavras, que deu suporte à criação de h e t e r o l ó g i c a e alguns outros trabalhos que decorreram nesse recorte de tempo. É casa e trampolim, refúgio e abismo.

O que veremos mais adiante são recortes de escritos em estado de dança, insights, perguntas, anseios, vômitos, e fluidos do corpo, transcritos em palavras que escorriam pelas pontas dos dedos e da caneta. O caderno tornou-se uma espécie de estação de tratamento de tudo que ali desaguava.

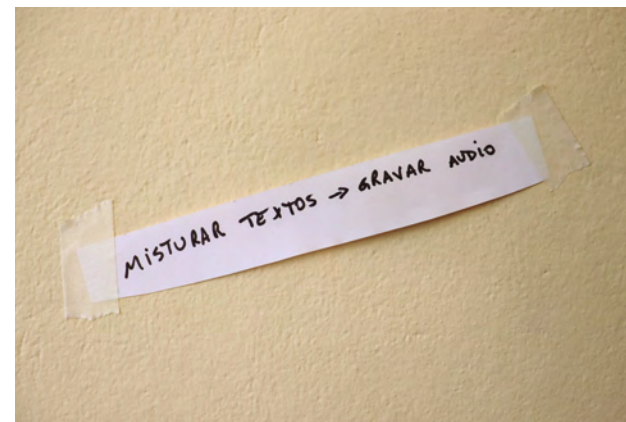
A materialidade do papel permitiu que eu pudesse experimentar o decantar dos pensamentos num tempo mais alargado que o do pensamento-movimento: era preciso escrever escrever escrever

Longe de oferecer um método de trabalho, queremos, Thiago Righi e eu, partilhar os entremeios da criação de h e t e r o l ó g i c a. A Laura Vainer diria que estamos falando das “costas do trabalho”. Talvez o recheio...

As notações de processo aparecem aqui quase como um estudo anatômico-estrutural – um olhar para as entranhas –, também como um aglomerado de possibilidades por onde transitamos ao longo do trabalho. Muito do que experimentamos e anotamos na parede da sala de trabalho não aparece no vídeo deste projeto. São rastros, migalhas de pão deixadas pelo caminho.

16

17



dancar não é sobre mostrar.
é sobre deixar ir.

hoje.

água parada estraga

as dobras do corpo

os músculos

fo dentro

ti com o espaço fora.

o tempo (ao criar espaço)

chão, como uma lâmina que deixa rastros
e estudar o tomus, os apoios, o chão e o
risculo ao redor dos ossos. entregar-me
responsabilidade a ele. empurrar o chão -
responsabilidade para mim.

tudo o

qual o
tempo de tempo?

Um dos nossos combinados para este processo era justamente a real liberdade de experimentar e abandonar, experimentar e transformar, ou experimentar e ficar. Nossos rabiscos colados na parede eram lembretes desse percurso, desse (des) compromisso. Compor o espaço de trabalho começou a fazer parte do processo: para nós era muito importante que os figurinos, os cronogramas, as notações, os equipamentos fossem propositalmente alojados no espaço de trabalho como uma composição móvel. Curiosamente, no vídeo não há um cenário materializado, mas um ambiente suspenso, limpo, que poderia estar em qualquer lugar (ou em nenhum lugar).

Tínhamos inicialmente algumas imagens para habitar: um polvo, uma nuvem, palavras num caderno costurado a mão. Partimos daí para habitar, estranhar, mover, abandonar e recriar paisagens de corpo. Como exercitar o "ser heterológico" nessas paisagens?

Para esta pergunta convocamos três provocadores e uma acompanhadora de processo/ensaiadora: Ana Clara Amaral, Eduardo Brasil, Melina Scialom e Marília Coelho. Com eles exercitamos, por meio de diferentes percursos, o não saber, tão almejado para o mergulho na criação. A diretriz era apurar a escuta e perceber o que poderia vir a ser essa proposta de habitar o termo heterológica em corpo, dança e som, e cada um dos artistas convidados pôde sugerir a metodologia que mais se adequasse ao que estávamos começando a sentir na criação. Assim se deu o processo de criação: com pouquíssimos a priori, e um enorme empenho em deixar que cada passo revelasse o próximo procedimento de trabalho. Retroalimentação em espiral gerativa, ou, ainda, um processo criativo que cria uma metodologia própria enquanto mergulha no assunto de investigação.

Realizar heterológica foi algo como organizar os pensamentos em corpo, em luz, som e movimento.

Camila Soares

permitir o

arrebatamento



heterológica: acordar e aquecer os sentidos.

e mergulhar em um caminho de co-criar,
em que perguntas valem mais do que respostas.

sem a priori.
perguntar.

heterológica: como habitá-la, em som?

ouvir, escrever, escutar.

respirar, sussurar.

tocar.

heterológica: estar aberto a estímulos que nos afetam.

tentar dançar.

tentar, dançar.

dançar: fail again

- sou uma farsa!

heterológica: sensação de não ter rosto.

tempo, forma, imagem.

experimentações.

silêncio, música, texto.

escrever. tentar.

dançar.

heterológica: mergulhar para além da superfície.

não saber. insistir.

transbordar.

cortes. deformações, transformações,

tecer, testar, testar.

começar (de)novo

lembrar,

esquecer.

encontrar, perder.

heterológica: arrasto, devir.

contrapor, sublinhar.
sublimar.

narrativas, contraste, negar.
contradições. afirmar.

cortar, desapegar.

ação física
gesto

desacelerar
acelerar
sobrepor
inverter

polifonias, paisagens, quadraturas.

heterológica: contagem regressiva.

debater.

sentir.

arriscar.

decantar.

heterológica: daquilo que acontece na relação.

heterológica: ser e estar.

habitar.





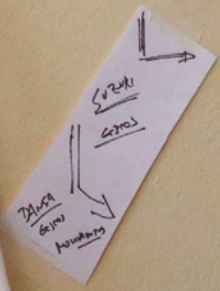
27

Oi Ca.Boa noite.
Bom trabalho pra vocês.

Tenho algumas fotos que vou anexar.
Queria descrever a experiência de construir 4 peças de figurino apenas com contatos virtuais com os corpos de vocês dois.
Talvez se eu já não os conhecesse pessoalmente, teria sido mais difícil. Me surpreendi por ter acertado os moldes e não ter necessitado alterá-los. Isso foi incrível.
Tirar medidas numa call.
Escolher tecidos por amostras e experimentos de pele, tecido, luz e projeção, tudo utilizando vídeo, tecnologia.
E utilizando a nossa capacidade de narrativa verbal.
O que teria sido sem a tecnologia? Ou sem a nossa comunicação oral e escrita...
Enfim. Mais ou menos isso o que gostaria de dizer. Sobre o frio na barriga de construir algo no mundo físico com apenas algumas referências virtuais e a minha memória da presença de vocês, a qual se perde no tempo e se iguala de certa maneira a esse algo virtual!

Beijo enorme.
Grata por confiar em mim.
Sucesso com o trabalho!

Teka Moran



Mãos + SEBUEIRA + ADJUSTADO
- ajustando, ajustando

VOZ DO LEITOR ONLINE
- modelo em 3D no aplicativo de celular
- Yoko + EBU = virtuais
- pagamos em site

CÉU DA ESCA + model 3D
- paga pelo modelo

MISTURAR TEXTOS → REALIZAR APROVAÇÃO

ONDE ESTÃO OS [SEUS] OLHOS?
THIAGO É A CAMISA.

Devir-outros-de-si: processo/procedimento guiado por Melina Scialom

31

Camila e Thiago me convidaram para realizar uma semana de residência com eles para provocar a criação de Heterológica. Mas o que será exatamente que eles desejam de mim? Foi com e a partir dessa dúvida que iniciamos os encontros que, por causa da pandemia de Covid-19, aconteceram inteiramente através da plataforma Zoom. Heterológica: um processo de dois criadores em estado de confinamento – uma bailarina e um músico. Um processo de criação onde, da mesma forma que na pandemia borramos nossas identidades profissionais por causa da necessidade de modificar completamente tudo aquilo que fazemos para conseguir continuar fazendo aquilo que fazemos mas de outra forma, Heterológica também borra as fronteiras de linguagens e de papéis entre os dois criadores. O jogo que acontece entre fronteiras quando se trabalha com interdisciplinaridade é algo que já venho articulando há muitos anos e, inclusive, é algo que me instiga muito a desdobrar processos criativos. Meu interesse nos movimentos entre dança, música e vídeo vem sendo alimentado desde 2002 quando comecei a realizar colaborações com Mário Del Nunzio, produzindo uma série de trabalhos onde já não era mais possível, e nem desejada, a categorização da linguagem. Assim, trazer meu olhar provocativo para Heterológica foi um convite que ressoou com minha própria prática e interesse artístico.

Ao iniciar os trabalhos e entender em que fase Camila e Thiago estavam do processo de criação, percebemos a possibilidade de que eu atuasse mais pontualmente em alguns processos relacionados à criação de movimento, na exploração de imagens e na relação entre os dois criadores, dentro e fora da cena. A partir das conversas que tivemos, comecei por estimular o processo criativo a partir do “corpo monstruoso”. Quais os tipos de corpo que residem em vocês? Corpo não é o que os outros veem ou pensam da nossa materialidade, mas aquilo que nos tornamos a cada segundo. O livro Monstros do filósofo José Gil foi nosso ponto de apoio para esse primeiro momento e que continuou por reverberar ao longo dos nossos encontros.

Devir monstro: camadas, sutilezas. Quais os limites da sua humanidade? Onde está o limiar entre o ser pessoa e o ser monstro? Não seria o monstro senão a desfiguração última do Mesmo no Outro?! O mesmo transformado em quase-outro,

estrangeiro a si próprio. Nós nos reconhecemos nós mesmos no padrão da monstruosidade, imersos em um jogo de curiosidade e medo. Devir monstro-outro-de-si.

A exploração dos devires monstros outros-de-si aconteceu em três etapas. As duas primeiras foram despertadas por duas imagens, a primeira uma fotografia de uma nuvem (que Camila fez ela mesma em uma de suas viagens entre Botucatu e Uberlândia) e a segunda um vídeo de um polvo se movendo sobre a areia da praia (encontrado na internet). Já a terceira aconteceu através da exploração de gestos que surgiram de um poema sobre as metamorfoses corporais das corporeidades incitadas pelas duas primeiras imagens.

Devir-outro-de-si: nuvens.

Devir-outro-de-si: polvo.

Como e por onde respira esse outro-de-si? O que ele respira? Qual a textura da pele? Como é o limite entre esse corpo e o espaço ao seu redor, que não é mais seu corpo? Qual a constituição dessa pele? O que tem dentro desse corpo? O que o estrutura? Algo estrutura? Como é essa estrutura, se não são mais ossos, o que são? Metamorfose.

A metamorfose entre corpo Camila, corpo Polvo e corpo Nuvem. Procedimento explorado em espaço, qualidades/substância e velocidades. Corporalizar. Memória das composições dos outros-corpos-de-si. Trazer a imagem à matéria-corpo. Deixar a imagem trazer sensações e não forma. Movimento de dentro para fora. Sensibilização que parte da estrutura e/ou configuração interna. Movimento de fora para dentro. Sensibilização da pele. Devir-outro-de-si de dentro para fora e de fora para dentro. Metamorfose-movimento. Ondas de transformação, sempre passando por si mesmo até chegar no outro... de si.

O processo e procedimento realizado para se devir-outro não permite que o trabalho seja mimético, buscando imitar a forma ou a qualidade incitada por uma imagem. Ele opera sobre outra busca: uma busca por sentir - intensivamente - outro corpo, ao contrário de tentar dar forma à outro corpo. A sensação do outro vem antes da forma. Ao contrário de tentar parecer ou de mimetizar, imaginar, fazer de conta, fingir ou usar





como metáfora, no devir as sensações são o componente do corpo-outro-em-si, permitindo que os processos de metamorfose aconteçam. As sensações não representam, não trazem metáforas ou impressões. As sensações são nossas, nosso corpo sentindo-se outro-de-nós-mesmos. Sensações trazem realidades intensivas de ser: não como-se, mas sendo.

O que estes outros-corpos-de-si te permitem fazer? Quais suas qualidades estruturantes e fronteiriças? A partir desta pergunta Camila foi elaborando corporeidades em movimento. Consistências de corpo e movimentos conectados às imagens de polvo e nuvem, junto às sensações, experiências e afetos gerados em seu soma. Corpo-(em)movimento com qualidade-ser-estar singular.

Para ser-estar-corpo-outro é preciso estar em estado de curiosidade, constante. Curiosidade pelas sensações de ser-outro; por aquilo que pode esse outro-ser. Como se move? Respira? Escuta? Responde? Anda? Para? Acorda? Vive? Morre?

O poema.

Ao assistir as corporeidades em trânsito no corpo de Camila, Thiago elaborou um poema que, além de traduzir as suas sensações pessoais do que estava experienciando ao ver Camila em estados de metamorfose, também trouxe um sequenciamento, uma composição, um ritmo de palavras: uma música. Foi um poema de sensações que emergiu das metamorfoses Camila-Polvo-Nuvem. Palavras que nasceram de sensações, experiência e afeto e se combinaram em poesia metamórfica. Um poema que precisaria ser dançado para acontecer no espaço tempo. Escolhemos o poema como convite para manifestação do corpo-gesto.

O terceiro corpo investigado foi o do corpo-gesto. Buscamos um gestual que está para além do corpo-cotidiano com identidades pré-concebidas. O gestual de corpos-possíveis. Corpo-gestual que nos habita mas desconhecemos. O corpo-gesto que buscamos é aquele que existe em paralelo, em um subconsciente que não se manifesta no cotidiano. Existem muitos, infinitos. Corpo-gestual monstruoso que se manifesta através da desfiguração do gestual cotidiano para transformar o corpo em mesmos-do-

outro. Das muitas manifestações escolhemos uma – aquela que se manifestaria através do poema que Thiago escreveu.

O gestual que nasceu do poema nos corpos de Thiago e Camila revelou uma série de gestos fora de seus hábitos comuns. Gestos que corporalizavam as sensações de Thiago ao ver Camila em metamorfose. Gestos que emergiam de Camila e Thiago ao ouvirem eu receitar o poema em ritmos e combinações variadas.

Minha vocalização do poema foi também uma corporalização dele, onde dei voz através de ritmos e combinações de palavras que permitiam que os gestos emergentes – de Camila e Thiago – começassem a dançar no espaço.

A dança gestual que nascia de ambos foi filmada com efeitos de luz que transformavam os corpos-gestuais de Camila e Thiago em outros-de-si. À esta dança foram sobrepostas camadas intensivas, materializadas através da projeção das filmagens dos mesmos corpos-gestuais. As camadas se transformaram em um jogo coreográfico de encontros e desencontros de outros-em-si. Isto é, Camila não somente dançava com Thiago mas com o corpo-gestual que se ocupava dela ao mesmo tempo que ela o corporalizava. E vice e versa.

Ao trazer as camadas da projeção e os corpos-gestos em diálogo, transformamos Camila e Thiago em quase-outros, estrangeiros a eles mesmos. Estavam os dois experimentando monstruosidades-de-si em gesto, em ritmo, em diálogos temporais e na curiosidade do que estaria por-vir em/de si-mesmos.

Foi com estes corpos-outros-de-si que deixei Camila e Thiago para continuarem com o processo criativo de Heterológica, explorando os limites de suas humanidades em corpo-virtualidades.



Aquilo que significa, mas não pode ser atribuído. O habitar de si. A memória. A correspondência.

A não correspondência

Disparidade de intenções. O sabor do tempo. O absurdo, o insólito.

Todas as entradas interessam. O compromisso é o percurso. Sensação de queda. Surdez.

Atravessamentos. O observador não está no objeto. O observador. O objeto. Nessa labirinto mora

uma borboleta. Nem todo gesto é uma ação. Correspondências

Não é sobre mostrar. É sobre deixar ir... Correspondências. Ser o não se aparenta ser:

o desconhecido não tem rosto; e, no entanto, caminha. Imaginar: O descansar do tempo.

Deslocar o sentido das coisas. Nesse entre-labirintos mora uma borboleta. Nem todo gesto é uma ação.

Observar... Ser o que se aparenta ser. Variações. A memória. O descansar do tempo.

O objeto. Observado.

...é sempre algo entre a vida e a morte.

Preste atenção nos seus sonhos.



O corpo é [chão]

A nuvem, vento.

... e braços - bandeirolas.

O corpo quer e requer mais espaço.

A nuvem é o espaço.

Ambos, os corpos, não olham.

Ambos. Os corpos não olham.

A nuvem ~~é~~ é vertical.

Mas, dialeticamente, mais horizontal, ainda que em sua verticalidade, do que o corpo.
[que é diagonal]

A diagonal só aparece no corpo.

Não há nuvens diagonais?

A diagonal não aparece nem nas transições.

O corpo chama para os ~~olhos~~ pés.

A nuvem, para a boca [do estômago]
e para os pulmões.

Há som de raiz semi-interpido.

Há raízes que interrompem quando entre nuvens.

O corpo chama para os pés,

A nuvem, para o ventre.

O espaço vazio é ~~X~~ [quadril...]

INERTE

entre o tudo das nuvens e a razão do chão.

Braços são nuvens

a deslocar-se

sobre a base dos pés e a razão do chão.

Essa, a transição: de um corpo a outro, o vazio ~~do~~ quadril.

Não há diagonais, na transição, já se disse.

O vazio é ar-nuven-vento?

ou peixe do chão?

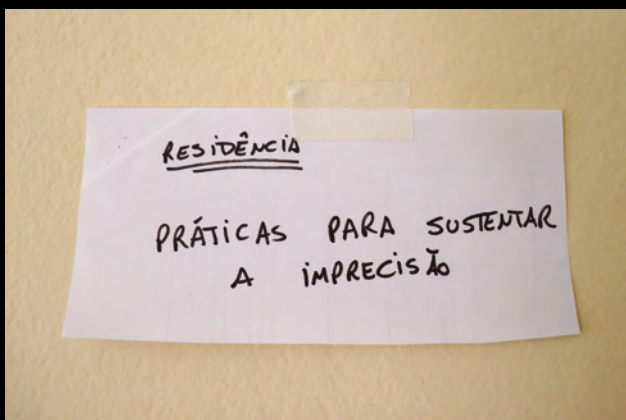
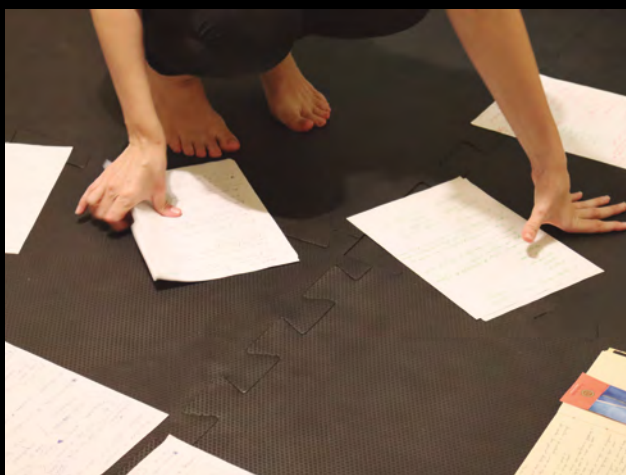
É no tudo já se podem.

É voltar a fazer-se.

em algum lugar-ar.

entre ar, peixe, corpo e nuvem.

e a diagonal.

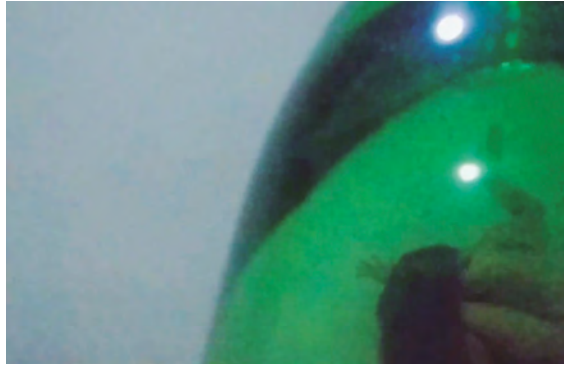


De 16 a 27 de agosto de 2021 conduzimos uma residência artística para partilha e experimentação de questões de corpo-imagem-som que emergiram na criação do trabalho h e t e r o l ó g i c a . Ao longo de dez dias de práticas compartilhadas visitamos paisagens de corpo a partir de um entendimento expandido. Nos perguntamos a respeito da possibilidade de criar práticas para sustentar a imprecisão, e sobre como desacostumar os olhos, ouvidos e pele como ferramenta de criação. As pessoas que nos acompanharam ao longo da residência produziram materiais em vídeo, e, ao final do ciclo de encontros, editaram os materiais uns dos outros.

45

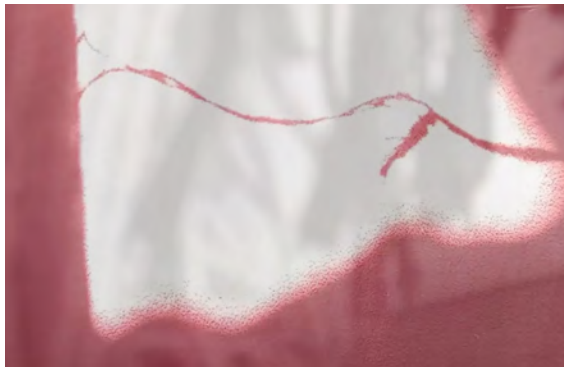
futuro flutuante . processo de criação . movimento escreve também . pés indignados com a imobilidade . cadeira . desapego . sustentar a imprecisão . o silêncio é o espaço que ocupamos . corpo-território . desacelerar o tempo com palavras . poesia marginal . entre dois mundos . mente ativa . criar entre o corpo e o mundo . não é sonho . que corpo é esse? . momento de se reorganizar . corporeidade . conversar com o corpo . ação física . polifonia . habitar . engenharia reversa de clichês . mingau de concreto . beber água . trazer o tempo para dentro . tempo sinestésico . chegar de forma muito audível . dramaturgias . passeio noturno . como eu leio a outra pessoa? . o que eu ouço? . delicadeza . transformar cronologias . fazer escolha . tentativa de modelar algo tão preciso . a experiência do processo como algo revelador . identidade . escutar o que o olho está vendo . o contínuo a partir das rupturas . tão impreciso no corpo . entender o essencial . atravessamentos . transposição de olhares . parece até que eu danço . contradição . rastros improváveis

Participantes: Andressa Hazboun, Bianca Sanches, Caroline Sobolewska de Lima Horvath, Ciely Bulhergahum, Izabel Goudart, Jéssica Paladino, Laís Machado Ribeiro, Liane Roditi, Lidiane Marques, Magno Adelino Ribeiro Lorosa, Merlin Kern Sarubo, Pietro Sardella, Rodrigo Gil Alves de Toledo, Thalita Magalhães.

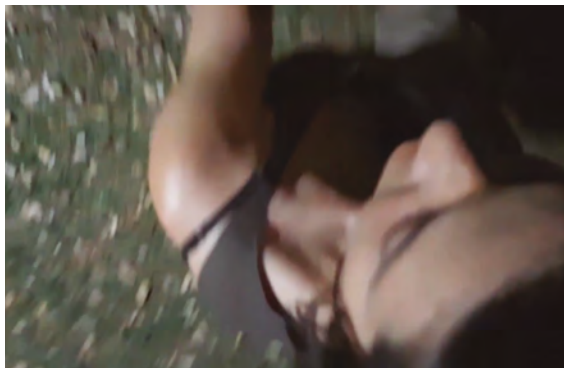
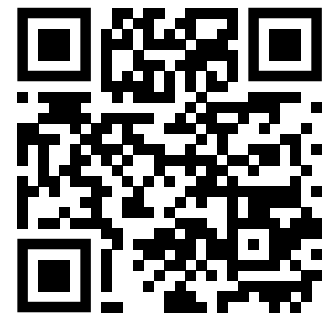


46

47



acesse os vídeos:



camilasoares.com.br/heterologica

Aquilo que significa.
Mas não pode ser atribuído.

- O habitar de si.
- A memória.
- A [não] correspondência.

Disparidade de intuições. O sabor do tempo.

Todas as entradas interiores.
 O absurdo.
 O insólito. **Sensações de queda**
 compromisso e o percurso.

Surdez.

- O observador não está no objeto.
- Atravessamentos. ~~poético~~ Não é sobre mistérios.
é sobre deixar ir.
- O observador.

O objeto.
Nesse labirinto não há uma verdade.

Em todo gesto é uma ação.

Correspondências.

ser e que não se apresenta em. O desconhecido NÃO tem
Neste; e, no entanto,
camuflado

Imaginar.



INCUBADORA

Incubadora - Plataforma de co-criações é o nome dado ao território que se estabelece por meio do encontro de Camila Soares com Thiago Righi. Trata-se de um platô onde os artistas co-criam peças de dança, vídeo, música e fotografia.

Desde 2016 os dois artistas partilham inquietações, perguntas, criações. Nesse caminhar lado a lado, juntos, Camila e Thiago apostam em criar obras que habitem expressões artísticas múltiplas e que sejam comprometidas com o que cada processo de criação pede para si.

Fazem parte do repertório da Incubadora as obras: Homo Sacer (2017) – série fotográfica e videodança, Estudo #1 (2018), Estudo #2 (2020), TCHAP-TCHURA: Jam de dança e música para famílias com crianças (2020), Pequenas tragédias cotidianas (2020) – videodança realizada na residência “Videodramas” como parte do projeto DRAMA da Cia 22:22.

Em 2021 a Incubadora teve dois de seus projetos contemplados pelo ProAC Lei Aldir Blac: Momentos (Edital ProAC 39/2020) e h e t e r o l ó g i c a (Edital ProAC 37/2020). Nesse mesmo ano, completam a lista dos trabalhos realizados pela Incubadora: Quando começa a dança? – mini-doc realizado em parceria com Laura Vainer, por meio do Edital ProAC 41/2020 –, e Para sentir o tempo – videodança elaborada com recursos da Lei Aldir Blanc, por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Botucatu-SP.

Camila Soares é artista da dança e do movimento, com interesse em processos educativos, em biopolítica, na arte como potência de vida, na insistência rigorosa na escuta do corpo-mundo, e na escuta das coisas que vão querendo dar-se a ver nos encontros. Sua carreira vem sendo tecida sempre entre o meio acadêmico e artístico, em ações de formação e de criação artística. Conheceu a dança brincando na sala de casa, depois conheceu o ballet por longos anos na Escola de Ballet Coppélia em S. Paulo, e a partir de 2003 passa a dançar outras danças. É graduada e licenciada em Dança pela UNICAMP - Universidade Estadual de (Campinas/SP), Especialista em Técnica Klauss Vianna pela PUC-SP, e Mestre em Educação pela UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo (Guarulhos/SP). Em 2017 produziu e dançou a videodança Homo Sacer - material que acompanhou a pesquisa e a produção da dissertação de mestrado em Educação.

Em 2017 foi professora no curso de extensão Singularidade Somática na UFABC - Universidade Federal do ABC (S.Bernardo do Campo/SP). Neste mesmo ano foi co-fundadora e editora da Revista TKV - revista online com foco de interesse em pesquisas a partir da Técnica Klauss Vianna e de outros trabalhos somáticos. Nos anos de 2016 e 2017 trabalhou como artista-orientadora no Programa de Qualificação em Dança, da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo com curadoria de Ismael Ivo. Essas três experiências costuraram um interesse pelos processos de ensino-aprendizagem a partir de uma perspectiva da criação.

Entre 2017 e 2018 frequentou o curso intensivo de formação O Risco da Dança no c.e.m - centro em movimento (Lisboa-PT), seguido por um período de estágio e criação na mesma instituição, com a qual mantém vínculo criativo e afetivo até a presente data. Ainda em Lisboa, participou do “Festival Pedras’18 - em que mundo queremos viver?” em julho de 2018, com o trabalho de corpo e movimento intitulado BICHO, criado no âmbito do curso O Risco da Dança e acompanhado pelos artistas orientadores do c.e.m - centro em movimento. Em 2019 retorna à Lisboa para um período de imersão com a equipe do

c.e.m, para o curso Um corpo aprendendo a criar, e para a estreia da videodança Estudo #1, em parceria com o músico Thiago Righi. Este trabalho audiovisual deu início a uma série de estudos em vídeo, som e movimento. Em 2020 estrearam o Estudo #2 e trabalham atualmente na continuidade dessa proposta.

Nos últimos anos colaborou com a Cia Corpocena (São Paulo-SP, em 2018), com o espaço Mirante das Artes (Botucatu-SP, desde 2017), com o artista Tales Frey (Projeto LIMIAR- SESC Bauru, em 2019), com os artistas Cynthia Domenico e Guilherme Chiappetta, Laura Vainer, Melina Scialom, com o Coletivo OCO e o grupo Maya-Lila (ambos em Botucatu-SP), com a Cia 22:22 (Campinas-SP em 2020), e com a banda Cafuá (bailarina nos videoclipes Bembaliá e Três pedras e um gigante).

De 2019 a 2021 foi professora substituta no Curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia, em disciplinas de Educação Somática, Teatro-Dança, Técnicas Artísticas, Composição Coreográfica e Práticas Corporais com foco em criação. Ainda na UFU, foi coordenadora da mostra de processos Sala Aberta (edições 2020 e 2021).

Desde 2016 desenvolve, ao lado de Thiago Righi, trabalhos híbridos de dança, som, imagem e vídeo por meio da Incubadora - Plataforma de co-criações, com destaque para os mais recentes trabalhos *h e t e r o l ó g i c a* e *Para sentir o tempo* (2021).

www.camilasoares.com.br

Plural, Thiago Righi é músico instrumentista, compositor, historiador. Transita entre os universos da música instrumental, da improvisação, da canção popular, das trilhas sonoras e da dança. Antes de tudo, um curioso, que prefere vinho a cerveja, montanha a praia, livro a filme. E gosta de tocar guitarra, mais do que gosta de todo o resto. Bacharel em Música Popular (UNICAMP-BR) e em História (USP-BR), especializou-se em Música Contemporânea e Improvisada no Centre des Musiques Didier Lockwood (França) e é Mestre em Filosofia pelo programa Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP).

Músico experiente, já acompanhou artistas como Filipe Catto, Elza Soares, o cantautor português Diogo Picão, e tocou em importantes festivais e palcos no Brasil (Cascavel Jazz Festival, Festival Brasil Instrumental, Festival Rio Sesc Jazz), bem como na Itália, na França (Cosmo Jazz Festival), na Suíça e em Portugal (Festival Bairro do Intendente em Festa).

Entre carreira solo, grupos dos quais fez parte, e gravações, tem seu trabalho autoral registrado em mais de 10 lançamentos (álbuns, EPs, singles, coletâneas, registros como sideman). Com o Amanajé gravou, em 2004, o primeiro disco do grupo e foi premiado nos festivais Americanta (2005 e 2007) e Festival Nascente-USP (2007). Com a composição *Suíte do morro* - parceria com Rodrigo Pinheiro -, foi vencedor do I Prêmio Botucanto Instrumental (2005). Aprendendo a ser só, seu primeiro disco solo, foi lançado em 2008. O álbum apresenta onze composições e arranjos originais de Thiago Righi. No início de 2018, em comemoração ao décimo aniversário da obra, Righi concebeu, produziu e dirigiu uma série de 4 vídeos em formato de mini-documentário e o vídeo-clipe de sua composição *Macondo*. No ano de 2010 lançou o EP *Righi & Pontet*, em parceria com o baterista francês Thibaud Pontet e, em 2018 lançou um EP com a banda Cafuá. Os shows de lançamento desse EP foram realizados nos SESCs Bauru-SP e Santana (SP-Capital) e no Festival Rio Sesc Jazz (SESC Quitandinha, Petrópolis-RJ), e tiveram grande recepção e repercussão junto ao público. O clipe de *Três Pedras e um Gigante*, música de trabalho do EP, foi eleito pelo portal Pipoca Moderna como um dos 20 melhores clipes de 2017. Lançado pelo selo Pipa

Music e distribuído digitalmente pela Tratore, o EP do Cafuá apresenta três composições originais de Thiago Righi, além de uma composição coletiva, Vai lá Naná, homenagem do grupo ao grande percussionista Nana Vasconcelos. Em 2020 Thiago lançou Contos Insulares, seu segundo álbum solo, um disco de música instrumental autoral gravado em trio (guitarra, contrabaixo acústico e bateria). Nesse projeto, as composições autorais tecem narrativas e paisagens sonoras, influenciadas pela literatura. Tendo por base uma concepção jazzística, seu repertório privilegia a improvisação, jogando com a escuta coletiva e a interseção entre linguagens. Isso tudo realizado a partir da estética da canção, e da linguagem da música instrumental flertando com o rock. Mais recentemente, em 2021, Thiago Righi realizou o projeto Momentos. Contemplado pelo ProAC, via Lei Aldir Blanc, este trabalho relembrou as diferentes fases da carreira do guitarrista e compositor. Em uma série de shows dividida em 3 fases diferentes, o músico propôs-se a revisitar alguns momentos de sua trajetória, discografia e projetos. A novidade, porém, ficou por conta do formato: todas as etapas da trajetória de Righi até aqui, bem como as músicas selecionadas para os shows, foram repensadas, adaptadas e rearranjadas para o formato de guitarra solo. Os shows de cada um dos três Momentos de Thiago Righi estão disponíveis no canal do Youtube do artista (www.youtube.com/ThiagoRighi).

Trabalhando com dança, Righi compôs e gravou as trilhas das vídeo-danças Homo Sacer (2017), Estudo #1 (2018) e Estudo #2 (2020) e Para sentir o tempo (2021), todas de/com Camila Soares. Também foi responsável pelas trilhas do mini-doc Quando começa a dança (parceria de Camila Soares com Laura Vainer), e do vídeo-drama Pequenas tragédias cotidianas (Camila Soares e Cia 22:22), ambos em 2021. Nesse mesmo ano, co-criou, ao lado de Camila Soares, o trabalho Heterológica. Entre 2018 e 2019, em parceria com Mariana Lemos, em Lisboa (PT), realizou duas residências artísticas (O que pode o encontro - c.e.m - centro em movimento e In between crossings and turns - Cia Olga Roriz), desenvolveu trabalho de pesquisa em processos criativos e de escuta (c.e.m - centro em movimento), ministrou o curso de formação O atrevimento da escuta (c.e.m Verão) e co-liderou o Lab F.I.A.- c.e.m -

Corpo pode ser o que quiser ser. Em 2019 concebeu e atuou, em parceria com Camila Soares, Cynthia Domenico e Guilherme Chiappetta, a Jam de Dança - Memórias Dançantes. Desenvolvido para o público da terceira idade, o projeto, até o momento, foi realizado nas unidades dos SESC's Bauru e Ribeirão Preto. Em 2020, integrou o projeto TCHAP-TCHURA: Jam de dança e música para famílias com crianças.

Entusiasta da pedagogia, com mais de 20 anos de experiência na área, Thiago desenvolve, igualmente, trabalhos ligados ao ensino de música e à divulgação da História e Linguagens da Música Popular Brasileira, ministrando cursos de música e realizando palestras, conferências e masterclasses (tanto no Brasil quanto na Europa). Destacam-se aqui: 1) Oficina de Composição - realizada em 2016, no Mirante das Artes - Botucatu-SP - dentro do projeto Café das Cinco - Encontro de compositores do Brasil e do mundo; 2) o ciclo de palestras Encontros com a Música Popular Brasileira – realizado em 2017 a pedido da Secretaria de Cultura do Município de Botucatu-SP – e, em 2018, no c.e.m em Lisboa; 3) Prosa e viola, como parte do Ciclo de Estudos sobre Cultura Tradicional e Contemporaneidade (Oficinas Culturais do Estado de São Paulo - POIESIS); 4) masterclass Le système rythmique brésilien et ses genres musicaux: de la tradition folklorique à la musique populaire brésilienne moderne (CMDL-França, 2018); 5) cursos de guitarra e improvisação na Domus Escola de Música (Botucatu-SP, 2017-2019).

www.thiagorighi.com



rio de janeiro, outubro de 2021

para os amantes

nem os seus olhos cansados, nem o enrugamento da pele da sua
testa
fazem parecer que haveria espaço no seu coração fora da
coragem de invenção

aqui tem um bar onde um rapaz passa oferecendo flores de
guardanapo
abre o quadrado de papel que se engordura sobre a mão de punho
quase cerrado
e enfia o dedo indicador no buraco como se fosse agarrar o
próprio dedo
mas faz aparecer uma flor

não nos explicamos,
a palavra da transparência
avessa

achava que ser bailarina era
diferente de poder dançar
o prejuízo dos maus encontros

fazer nota a nota o fio do sonho
a onírica aventura de enfrentar,
com delicadeza, os manuais históricos

no fim, poder ver
tremeluzir
os sentidos

saber caminhar sobre a estrutura
e pôr o ouvido no avesso da tapeçaria

o texto artístico basal,
o sonho da linguagem,

perguntar pela possibilidade de afirmar
enquanto se desmancha
(dá vontade de rir)

amar o poema

o desconhecido não tem rosto
mas espirra



desse 14;

nossas referências e nossas pessoas

laura vainer . eugène ionesco . nuvens . polvos . a cantora
careca . mariana lemos . sofia neuparth . guitarras
desplugadas . bernardo rb . o nosso gps . marília coelho .
melina scialom . ana clara amaral . eduardo brasil . gonçalo
m tavares . denilson cordeiro . teka moran . sara oliveira .
dessotti . vitor iwasso . suzuki . técnica klauss vianna .
poesia concreta . margarida agostinho . dally schwarz

Ficha Técnica:

Concepção, direção e criação em dança: Camila Soares
Concepção, dança e trilha sonora original: Thiago Righi
Artistas colaboradores: Ana Clara Amaral, Eduardo Brasil,
Melina Scialom, Marília Coelho
Voz: Melina Scialom e Thiago Righi
Figurino: Teka Moran
Textos: Sofia Neuparth, Laura Vainer, Camila Soares, Thiago
Righi, Teka Moran, Melina Scialom
Projeto gráfico: Vitor Iwasso
Realização e produção: Incubadora - Plataforma de co-criações

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

heterológica [livro eletrônico]: [uma documentação] / Camila Soares...[et al.];
[organização] Camila Soares, Thiago Righi. Botucatu, SP : Ed. dos Autores,
2021. PDF

Outros autores: Thiago Righi, Sofia Neuparth, Laura Vainer, Teka Moran,
Melina Scialom.

ISBN 978-65-00-35866-7

1. Artes cênicas 2. Criação (Literária, artística etc) 3. Dança - Brasil
4. Dança contemporânea 5. Documentação 6. Videoarte I. Soares, Camila.
II. Righi, Thiago. III. Neuparth, Sofia. IV. Vainer, Laura. V. Moran, Teka.
VI. Scialom, Melina.

21-92696

CDD-792.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Heterológica : Videodança : Processo criativo : Artes 792.8

62

Este livro integra o projeto "HETEROLÓGICA" contemplado pelo Programa de Ação Cultural - ProAC Expresso LAB 37/2020, "Produção e temporada de espetáculo de dança com apresentação online", da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo.

Realização



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Distribuição gratuita.

Não é permitida a venda desta obra.

As imagens e os textos podem ser reproduzidos com finalidade
não-comercial, desde que seja citada a autoria dos mesmos

www.camilasoares.com.br/heterologica



